

SAGRADA FAMÍLIA

CIC 531-534: a Sagrada Família

- 531** Durante a maior parte da sua vida, Jesus partilhou a condição da imensa maioria dos homens: uma vida quotidiana sem grandeza aparente, vida de trabalho manual, vida religiosa judaica sujeita à Lei de Deus¹, vida na comunidade. De todo este período, é-nos revelado que Jesus era «submisso» a seus pais² e que «ia crescendo em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc 2, 52).
- 532** A submissão de Jesus à sua Mãe e ao seu pai legal foi o cumprimento perfeito do quarto mandamento. É a imagem temporal da sua obediência filial ao Pai celeste. A submissão diária de Jesus a José e a Maria anunciava e antecipava a submissão de Quinta-Feira Santa: «Não se faça a minha vontade [...]» (Lc 22, 42). A obediência de Cristo, no quotidiano da vida oculta, inaugurava já a recuperação daquilo que a desobediência de Adão tinha destruído³.
- 533** A vida oculta de Nazaré permite a todos os homens entrar em comunhão com Jesus, pelos diversos caminhos da vida quotidiana:
- «Nazaré é a escola em que se começa a compreender a vida de Jesus, é a escola em que se inicia o conhecimento do Evangelho[...] Em primeiro lugar, uma lição de *silêncio*. Oh! se renascesse em nós o amor do silêncio, esse admirável e indispensável hábito do espírito [...]! Uma lição de *vida familiar*. Que Nazaré nos ensine o que é a família, a sua comunhão de amor, a sua austera e simples beleza, o seu carácter sagrado e inviolável [...]. Uma lição de *trabalho*. Nazaré, a casa do “Filho do carpinteiro”! Aqui desejaríamos compreender e celebrar a lei, severa mas redentora, do trabalho humano [...]. Daqui, finalmente, queremos saudar os trabalhadores de todo o mundo e mostrar-lhes o seu grande modelo, o seu Irmão divino»⁴.
- 534** O *reencontro de Jesus no templo*⁵ é o único acontecimento que quebra o silêncio dos evangelhos sobre os anos ocultos de Jesus. Nele, Jesus deixa entrever o mistério da sua consagração total à missão decorrente da sua filiação divina: «Não sabíeis que Eu tenho de estar na casa do meu Pai?». Maria e José «não compreenderam» esta palavra, mas acolheram-na na fé, e Maria «guardava no coração todas estas recordações», ao longo dos anos em que Jesus permaneceu oculto no silêncio duma vida normal.

¹ Cf. Gl 4, 4.

² Cf. Lc 2, 51.

³ Cf. Rm 5, 19.

⁴ PAULO VI, *Alocução na igreja da Anunciação à bem-aventurada Virgem Maria em Nazaré*, 5 de Janeiro de 1964: AAS 56 (1964) 167-168 [*Festa da Sagrada Família*, 2ª Leitura do Ofício de Leitura: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 381-382].

⁵ Cf. Lc 2, 41-52.

CIC 1655-1658, 2204-2206: a família cristã, uma Igreja doméstica

1655 Cristo quis nascer e crescer no seio da Sagrada Família de José e de Maria. A Igreja outra coisa não é senão a «família de Deus». Desde as suas origens, o núcleo aglutinante da Igreja era, muitas vezes, constituído por aqueles que, «com toda a sua casa», se tinham tornado crentes»⁶. Quando se convertiam, desejavam que também «toda a sua casa» fosse salva⁷. Estas famílias, que passaram a ser crentes, eram pequenas ilhas de vida cristã no meio dum mundo descrente.

1656 Nos nossos dias, num mundo muitas vezes estranho e até hostil à fé, as famílias crentes são de primordial importância, como focos de fé viva e irradiante. É por isso que o II Concílio do Vaticano chama à família, segundo uma antiga expressão, «*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica»⁸. É no seio da família que os pais são, «pela palavra e pelo exemplo [...], os primeiros arautos da fé para os seus filhos, ao serviço da vocação própria de cada um e muito especialmente da vocação consagrada»⁹.

1657 É aqui que se exerce, de modo privilegiado, o *sacerdócio baptismal* do pai de família, da mãe, dos filhos, de todos os membros da família, «na recepção dos sacramentos, na oração e acção de graças, no testemunho da santidade de vida, na abnegação e na caridade efectiva»¹⁰. O lar é, assim, a primeira escola de vida cristã e «uma escola de enriquecimento humano»¹¹. É aqui que se aprende a tenacidade e a alegria no trabalho, o amor fraterno, o perdão generoso e sempre renovado, e, sobretudo, o culto divino, pela oração e pelo oferecimento da própria vida.

1658 Não podem esquecer-se, também, certas pessoas que estão, em virtude das condições concretas em que têm de viver, muitas vezes sem assim o terem querido, particularmente próximas do coração de Cristo, e que merecem, portanto, a estima e a solicitude atenta da Igreja, particularmente dos pastores: o grande número de *pessoas celibatárias*. Muitas delas ficam *sem família humana*, frequentemente devido a condições de pobreza. Algumas vivem a sua situação no espírito das bem-aventuranças, servindo a Deus e ao próximo de modo exemplar. Mas a todas é necessário abrir as portas dos lares, «igrejas domésticas», e da grande família que é a Igreja. «Ninguém se sinta privado de família neste mundo: a Igreja é casa e família para todos, especialmente para quantos estão “cansados e oprimidos” (Mt 11, 28)»¹².

2204 «A família cristã constitui uma revelação e uma realização específica da comunhão eclesial; por esse motivo [...], há-de ser designada como uma *igreja*

⁶ Cf. *Act 18*, 8.

⁷ Cf. *Act 16*, 31; 11, 14.

⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16; cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 21: AAS 74 (1982) 105.

⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

¹⁰ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 10: AAS 57 (1965) 15.

¹¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 52: AAS 58 (1966) 1073.

¹² JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 85: AAS 74 (1982) 187.

doméstica»¹³. Ela é uma comunidade de fé, de esperança e de caridade; reveste-se duma importância singular na Igreja, como transparece do Novo Testamento¹⁴.

2205 A família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo. A sua actividade procriadora e educativa é o reflexo da obra criadora do Pai. É chamada a partilhar da oração e do sacrifício de Cristo. A oração quotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortalecem nela a caridade. A família cristã é evangelizadora e missionária.

2206 As relações no seio da família comportam uma afinidade de sentimentos, de afectos e de interesses, que provêm sobretudo do mútuo respeito das pessoas. A família é uma *comunidade privilegiada*, chamada a realizar a comunhão das almas, o comum acordo dos esposos e a diligente cooperação dos pais na educação dos filhos¹⁵.

CIC 2214-2233: os deveres dos membros da família

2214 A paternidade divina é a fonte da paternidade humana¹⁶; nela se fundamenta a honra devida aos pais. O respeito dos filhos, menores ou adultos, pelo seu pai e pela sua mãe¹⁷ nutre-se do afecto natural nascido dos laços que os unem. Exige-o o preceito divino¹⁸.

2215 O respeito pelos pais (*piedade filial*) é feito de *reconhecimento* àqueles que, pelo dom da vida, pelo seu amor e seu trabalho, puseram os filhos no mundo e lhes permitiram crescer em estatura, sabedoria e graça. «Honra o teu pai de todo o teu coração e não esqueças as dores da tua mãe. Lembra-te de que foram eles que te geraram. Como lhes retribuirás o que por ti fizeram?» (*Sir 7, 27-28*).

2216 O respeito filial revela-se na docilidade e na *obediência* autênticas. «Observa, meu filho, as ordens do teu pai, e não desprezes os ensinamentos da tua mãe [...]. Servir-te-ão de guia no caminho, velarão por ti quando dormires, e falarão contigo ao despertares» (*Pr 6, 20.22*). «O filho sábio é fruto da correcção paterna, mas o insolente não aceita a repreensão» (*Pr 13, 1*).

2217 Enquanto viver na casa dos pais, o filho deve obedecer a tudo o que eles lhe mandarem para seu bem ou o da família. «Filhos, obedeci em tudo aos vossos pais, porque isto agrada ao Senhor» (*Cl 3, 20*)¹⁹. Os filhos devem também obedecer às prescrições razoáveis dos seus educadores e de todos aqueles a quem os pais os confiaram. Mas se o filho se persuadir, em consciência, de que é moralmente mau obedecer a determinada ordem, não o faça.

Com o crescimento, os filhos continuarão a respeitar os pais. Adivinharão os seus desejos,

¹³ JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 21: AAS 74 (1982) 105; cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

¹⁴ Cf. *Ef 5*, 21-6, 4; *Cl 3*, 18-21; *1 Pe 3*, 1-7.

¹⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 52: AAS 58 (1966) 1073.

¹⁶ Cf. *Ef 3*, 15.

¹⁷ Cf. *Pr 1*, 8; *Tb 4*, 3-4.

¹⁸ Cf. *Ex 20*, 12.

¹⁹ Cf. *Ef 6*, 1.

pedirão de boa vontade os seus conselhos e aceitarão as suas admoestações justificadas. A obediência aos pais cessa com a emancipação; mas não o respeito que sempre lhes é devido. É que este tem a sua raiz no temor de Deus, que é um dos dons do Espírito Santo.

2218 O quarto mandamento lembra aos filhos adultos as suas *responsabilidades para com os pais*. Tanto quanto lhes for possível, devem prestar-lhes ajuda material e moral, nos anos da velhice e no tempo da doença, da solidão ou do desânimo. Jesus lembra este dever de gratidão²⁰.

«Deus quis honrar o pai pelos filhos e cuidadosamente firmou sobre eles a autoridade da mãe. O que honra o pai alcança o perdão dos seus pecados e quem honra a mãe é semelhante àquele que acumula tesouros. Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos e será ouvido no dia da sua oração. Quem honra o pai gozará de longa vida e quem lhe obedece consolará a sua mãe» (*Sir* 3, 2-6).

«Filho, ampara o teu pai na velhice, não o desgostes durante a sua vida. Mesmo se ele vier a perder a razão, sê indulgente, não o desprezes, tu que estás na plenitude das tuas forças [...]. É como um blasfemador o que desampara o seu pai e é amaldiçoado por Deus aquele que irrita a sua mãe» (*Sir* 3, 12-16).

2219 O respeito filial favorece a harmonia de toda a vida familiar; engloba também as *relações entre irmãos e irmãs*. O respeito pelos pais impregna todo o ambiente familiar. «A coroa dos anciãos são os filhos dos seus pais» (*Pr* 17, 6). «Suportai-vos uns aos outros na caridade, com toda a humildade, mansidão e paciência» (*Ef* 4, 2).

2220 Os cristãos têm o dever de ser especialmente gratos àqueles de quem receberam o dom da fé, a graça do Baptismo e a vida na Igreja. Pode tratar-se dos pais, mas também de outros membros da família, dos avós, dos pastores, dos catequistas, dos professores ou amigos. «Conservo a lembrança da tua fé tão sincera, que foi primeiro a da tua avó Lóide e da tua mãe Eunice, e que, estou certo, habita também em ti» (*2 Tm* 1, 5).

2221 A fecundidade do amor conjugal não se reduz apenas à procriação dos filhos. Deve também estender-se à sua educação moral e à sua formação espiritual. O «*papel dos pais na educação* é de tal importância que é impossível substituí-los»²¹. O direito e o dever da educação são primordiais e inalienáveis para os pais²².

2222 Os pais devem olhar para os seus filhos como *filhos de Deus* e respeitá-los como *peças humanas*. Educarão os seus filhos no cumprimento da lei de Deus, na medida em que eles próprios se mostrarem obedientes à vontade do Pai dos céus.

2223 Os pais são os primeiros responsáveis pela educação dos filhos. Testemunham esta responsabilidade, primeiro pela *criação dum lar* onde são regra a ternura, o perdão, o respeito, a fidelidade e o serviço desinteressado. O lar é um lugar

²⁰ Cf. *Mc* 7, 10-12.

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Gravissimum educationis*, 3: AAS 58 (1966) 731.

²² Cf. JOÃO PAULO II, Ex. ap. *Familiaris consortio*, 36: AAS 74 (1982) 126.

apropriado para a *educação das virtudes*, a qual requer a aprendizagem da abnegação, de são critérios, do autodomínio, condições da verdadeira liberdade. Os pais ensinarão os filhos a subordinar «as dimensões físicas e instintivas às dimensões interiores e espirituais»²³. Os pais têm a grave responsabilidade para dar bons exemplos aos filhos. Sabendo reconhecer diante deles os próprios defeitos, serão mais capazes de os guiar e corrigir:

«Aquele que ama o seu filho, castiga-o com frequência [...]. Aquele que dá ensinamentos ao seu filho será louvado» (*Sir* 30, 1-2). «E vós, pais, não irriteis os vossos filhos; pelo contrário, educai-os com disciplina e advertências inspiradas pelo Senhor» (*Ef* 6, 4).

2224 O lar constitui o âmbito natural para a iniciação da pessoa humana na solidariedade e nas responsabilidades comunitárias. Os pais devem ensinar os filhos a acautelar-se dos perigos e degradações que ameaçam as sociedades humanas.

2225 Pela graça do sacramento do matrimónio, os pais receberam a responsabilidade e o privilégio de *evangelizar os filhos*. Desde tenra idade devem iniciá-los nos mistérios da fé, de que são os «primeiros arautos»²⁴. Hão-de associá-los, desde a sua primeira infância, à vida da Igreja. A maneira como se vive em família pode alimentar as disposições afectivas, que durante toda a vida permanecem como autêntico preâmbulo e esteio duma fé viva.

2226 A *educação da fé* por parte dos pais deve começar desde a mais tenra infância. Faz-se já quando os membros da família se ajudam mutuamente a crescer na fé pelo testemunho duma vida cristã, de acordo com o Evangelho. A catequese familiar precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé. Os pais têm a missão de ensinar os filhos a rezar e a descobrir a sua vocação de filhos de Deus²⁵. A paróquia é a comunidade eucarística e o coração da vida litúrgica das famílias cristãs; é o lugar privilegiado da catequese dos filhos e dos pais.

2227 Por sua vez, os filhos contribuem para o *crescimento* dos seus pais *na santidade*²⁶. Todos e cada um se darão, generosamente e sem se cansar, o perdão mútuo exigido pelas ofensas, querelas, injustiças e abandonos. Assim o sugere o afecto mútuo. E assim o exige a caridade de Cristo²⁷.

2228 Durante a infância, o respeito e o carinho dos pais traduzem-se, primeiro, no cuidado e na atenção que consagram à educação dos filhos, para *prover às suas necessidades físicas e espirituais*. À medida que vão crescendo, o mesmo respeito e dedicação levam os pais a educar os filhos no sentido dum uso correcto da sua razão e da sua liberdade.

2229 Como primeiros responsáveis pela educação dos seus filhos, os pais têm o direito de *escolher para eles uma escola* que corresponda às suas próprias

²³ JOÃO PAULO II, Enc. *Centesimus annus*, 36: AAS 83 (1991) 838.

²⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16; cf. CIC can. 1136.

²⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 11: AAS 57 (1965) 16.

²⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 48: AAS 58 (1966) 1069.

²⁷ Cf. *Mt* 18, 21-22; *Lc* 17, 4.

convicções. É um direito fundamental. Tanto quanto possível, os pais têm o dever de escolher as escolas que melhor os apoiem na sua tarefa de educadores cristãos²⁸. Os poderes públicos têm o dever de garantir este direito dos pais e de assegurar as condições reais do seu exercício.

2230 Ao tornarem-se adultos, os filhos têm o dever e o direito de *escolher a sua profissão e o seu estado de vida*. Devem assumir as novas responsabilidades numa relação de confiança com os seus pais, a quem pedirão e de quem de boa vontade receberão opiniões e conselhos. Os pais terão o cuidado de não constranger os filhos, nem na escolha duma profissão, nem na escolha do cônjuge. Mas este dever de discrição não os proíbe, muito pelo contrário, de os ajudar com opiniões ponderadas, sobretudo quando tiverem em vista a fundação dum novo lar.

2231 Há quem não se case para cuidar dos pais ou dos irmãos e irmãs; ou para se dedicar mais exclusivamente a uma profissão; ou ainda por outros motivos válidos. Esses podem contribuir muitíssimo para o bem da família humana.

2232 São importantes, mas não absolutos, os laços familiares. Quanto mais a criança cresce para a maturidade e autonomia humanas e espirituais, tanto mais a sua vocação individual, que vem de Deus, se afirma com nitidez e força. Os pais devem respeitar este chamamento e apoiar a resposta dos filhos para o seguir. Não-de convencer-se de que a primeira vocação do cristão é *seguir Jesus*²⁹: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a Mim, não é digno de Mim; e quem ama o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim» (Mt 10, 37).

2233 Tornar-se discípulo de Jesus é aceitar o convite para pertencer à *família de Deus*, para viver em conformidade com a sua maneira de viver: «Todo aquele que fizer a vontade do meu Pai que está nos céus, é que é meu irmão e minha irmã e minha mãe» (Mt 12, 49).

Os pais devem acolher e respeitar, com alegria e acção de graças, o chamamento que o Senhor fizer a um dos seus filhos, para O seguir na virgindade pelo Reino, na vida consagrada ou no ministério sacerdotal.

CIC 529, 583, 695: a apresentação no Templo

529 A *apresentação de Jesus no templo*³⁰ mostra-O como Primogénito que pertence ao Senhor³¹. Com Simeão e Ana, é toda a expectativa de Israel que vem ao encontro do seu Salvador (a tradição bizantina designa por *encontro* este acontecimento). Jesus é reconhecido como o Messias tão longamente esperado, «luz das nações» e «glória de Israel», mas também como «sinal de contradição».

²⁸ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decl. *Gravissimum educationis*, 6: AAS 58 (1966) 733.

²⁹ Cf. Mt 16, 23.

³⁰ Cf. Lc 2, 22-39.

³¹ Cf. Ex 13, 2.12-13.

A espada de dor, predita a Maria, anuncia essa outra oblação, perfeita e única, da cruz, que trará a salvação que Deus «preparou diante de todos os povos».

- 583** Jesus, como antes d’Ele os profetas, professou pelo templo de Jerusalém o mais profundo respeito. Ali foi apresentado por José e Maria, quarenta dias depois do seu nascimento³². Na idade de doze anos, decidiu ficar no templo para lembrar aos seus pais que tinha de Se ocupar das coisas de seu Pai³³. Ao templo subiu todos os anos, ao menos pela Páscoa, durante a vida oculta³⁴. O seu próprio ministério público foi ritmado pelas peregrinações a Jerusalém nas grandes festas judaicas³⁵.
- 695** *A unção.* O simbolismo da unção com óleo é também significativo do Espírito Santo, a ponto de se tornar o seu sinónimo³⁶. Na iniciação cristã, ela é o sinal sacramental da Confirmação, que justamente nas Igrejas Orientais se chama «Crismação». Mas, para lhe apreender toda a força, temos de voltar à primeira unção realizada pelo Espírito Santo: a de Jesus. Cristo («Messias» em hebraico) significa «ungido» pelo Espírito de Deus. Houve «ungidos» do Senhor na antiga Aliança³⁷, sobretudo o rei David³⁸. Mas Jesus é o unguido de Deus de maneira única: a humanidade que o Filho assume é totalmente «ungida pelo Espírito Santo». Jesus é constituído «Cristo» pelo Espírito Santo³⁹. A Virgem Maria concebe Cristo do Espírito Santo, que pelo anjo O anuncia como Cristo aquando do seu nascimento⁴⁰ e leva Simeão a ir ao templo ver o Cristo do Senhor⁴¹. É Ele que enche Cristo⁴² e cujo poder emana de Cristo nos seus actos de cura e salvamento⁴³. Finalmente, é Ele que ressuscita Jesus de entre os mortos⁴⁴. Então, plenamente constituído «Cristo» na sua humanidade vencedora da morte⁴⁵, Jesus difunde em profusão o Espírito Santo, até que «os santos» constituam, na sua união à humanidade do Filho de Deus, o «homem adulto, à medida completa da plenitude de Cristo» (*Ef* 4, 13), «o Cristo total», para empregar a expressão de Santo Agostinho⁴⁶.

CIC 144-146, 165, 489, 2572, 2676: Abraão e Sara, modelos de fé

- 144** Obedecer (*ob-audire*) na fé é submeter-se livremente à palavra escutada, por a sua verdade ser garantida por Deus, que é a própria verdade. Desta obediência, o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe é Abraão. A sua realização mais perfeita é a da Virgem Maria.

³² Cf. *Lc* 2, 22-39.

³³ Cf. *Lc* 2, 46-49.

³⁴ Cf. *Lc* 2, 41.

³⁵ Cf. *Jo* 2, 13-14; 5, 1.14; 7, 1.10.14; 8, 2; 10, 22-23.

³⁶ Cf. *1 Jo* 2, 20.27; *2 Cor* 1, 21.

³⁷ Cf. *Ex* 30, 22-32.

³⁸ Cf. *1 Sm* 16, 13.

³⁹ Cf. *Lc* 4, 18-19; *Is* 61, 1.

⁴⁰ Cf. *Lc* 2, 11.

⁴¹ *Lc* 2, 26-27.

⁴² Cf. *Lc* 4, 1.

⁴³ Cf. *Lc* 6, 19; 8, 46.

⁴⁴ Cf. *Rm* 1, 4; 8, 11.

⁴⁵ Cf. *Act* 2, 36.

⁴⁶ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 341, 1, 1: PL 39, 1493; *Ibid.* 9, 11: PL 39, 1499.

- 145** A Epístola aos Hebreus, no grande elogio que faz da fé dos antepassados, insiste particularmente na fé de Abraão: «Pela fé, Abraão *obedeceu* ao chamamento de Deus, e partiu para uma terra que viria a receber como herança: partiu, sem saber para onde ia» (*Heb* 11, 8)⁴⁷. Pela fé, viveu como estrangeiro e peregrino na terra prometida⁴⁸. Pela fé, Sara recebeu a graça de conceber o filho da promessa. Pela fé, finalmente, Abraão ofereceu em sacrifício o seu filho único⁴⁹.
- 146** Abraão realiza assim a definição da fé dada pela Epístola aos Hebreus: «A fé constitui a garantia dos bens que se esperam, e a prova de que existem as coisas que não se vêem» (*Heb* 11, 1). «Abraão acreditou em Deus, e isto foi-lhe atribuído como justiça» (*Rm* 4, 3)⁵⁰. «Fortalecido» por esta fé (*Rm* 4, 20), Abraão tornou-se «o pai de todos os crentes» (*Rm* 4, 11. 18)⁵¹.
- 165** É então que nos devemos voltar para as *testemunhas da fé*: Abraão, que acreditou, «esperando contra toda a esperança» (*Rm* 4, 18); a Virgem Maria que, na «peregrinação da fé»⁵², foi até à «noite da fé»⁵³, comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro⁵⁴; e tantas outras testemunhas da fé: «envoltos em tamanha nuvem de testemunhas, devemos desembaraçar-nos de todo o fardo e do pecado que nos cerca, e correr com constância o risco que nos é proposto, fixando os olhos no guia da nossa fé, o qual a leva à perfeição» (*Heb* 12, 1-2).
- 489** Ao longo da Antiga Aliança, a missão de Maria foi *preparada* pela missão de santas mulheres. Logo no princípio, temos Eva; apesar da sua desobediência, ela recebe a promessa duma descendência que sairá vitoriosa do Maligno⁵⁵ e de vir a ser a mãe de todos os vivos⁵⁶. Em virtude desta promessa, Sara concebe um filho, apesar da sua idade avançada⁵⁷. Contra toda a esperança humana, Deus escolheu o que era tido por incapaz e fraco⁵⁸ para mostrar a sua fidelidade à promessa feita: Ana, a mãe de Samuel⁵⁹, Débora, Rute, Judite e Ester e muitas outras mulheres. Maria «é a primeira entre os humildes e pobres do Senhor, que confiadamente esperam e recebem a salvação de Deus. Com ela, enfim, excelsa filha de Sião, passada a longa espera da promessa, cumprem-se os tempos e inaugura-se a nova economia da salvação»⁶⁰.
- 2572** Como última purificação da sua fé, é pedido ao «depositário das promessas» (*Heb* 11, 17) que sacrifique o filho que Deus lhe deu. A sua fé não vacila: «Deus proverá quanto ao cordeiro para o holocausto» (*Gn* 22, 8), «porque Deus, pensava ele, é capaz até de ressuscitar os mortos» (*Heb* 11, 19). E assim, o pai

⁴⁷ Cf. *Gn* 12, 1-4.

⁴⁸ Cf. *Gn* 23, 4.

⁴⁹ Cf. *Heb* 11, 17.

⁵⁰ Cf. *Gn* 15, 6.

⁵¹ Cf. *Gn* 15, 5.

⁵² Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 58: AAS 57 (1965) 61.

⁵³ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 17: AAS 79 (1987) 381.

⁵⁴ JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris Mater*, 18: AAS 79 (1987) 382-383..

⁵⁵ Cf. *Gn* 3, 15.

⁵⁶ Cf. *Gn* 3, 20.

⁵⁷ Cf. *Gn* 18, 10-14; 21, 1-2.

⁵⁸ Cf. *1 Cor* 1, 27.

⁵⁹ Cf. *1 Sm* 1.

⁶⁰ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 55: AAS 57 (1965) 59-60.

dos crentes conformou-se com a semelhança do Pai que não poupará o seu próprio Filho, mas O entregará por todos nós⁶¹. A oração restaura o homem na semelhança com Deus e fá-lo participante no poder do amor de Deus que salva a multidão⁶².

2676 Este duplo movimento de oração a Maria encontrou uma expressão privilegiada na oração da «Ave-Maria»:

«*Ave, Maria (alegrai-vos, Maria)*». A saudação do anjo Gabriel abre esta oração. É o próprio Deus que, por intermédio do seu anjo, saúda Maria. A nossa oração ousa retomar a saudação a Maria com o olhar que Deus pôs na sua humilde serva⁶³, alegrando-nos com a alegria que Ele n'Ela encontra⁶⁴.

«*Cheia de graça, o Senhor é convosco*». As duas palavras da saudação do anjo esclarecem-se mutuamente. Maria é cheia de graça, porque o Senhor está com Ela. A graça de que Ela é cumulada é a presença d'Aquele que é a fonte de toda a graça. «Solta brados de alegria [...] filha de Jerusalém [...]; o Senhor teu Deus está no meio de ti» (*Sf* 3, 14. 17a). Maria, em quem o próprio Senhor vem habitar, é em pessoa a filha de Sião, a arca da aliança, o lugar onde reside a glória do Senhor: é «a morada de Deus com os homens» (*Ap* 21, 3). «Cheia de graça», Ela dá-se toda Àquele que n'Ela vem habitar e que Ela vai dar ao mundo. «*Bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus*». Depois da saudação do anjo, fazemos nossa a de Isabel. «Cheia do Espírito Santo» (*Lc* 1, 41), Isabel é a primeira, na longa sequência das gerações, a declarar Maria bem-aventurada⁶⁵: «Feliz d'Aquela que acreditou...» (*Lc* 1, 45); Maria é bendita entre as mulheres, porque acreditou no cumprimento da Palavra do Senhor. Abraão, pela sua fé, tornou-se uma bênção «para todas as nações da terra» (*Gn* 12, 3). Pela sua fé, Maria tornou-se a mãe dos crentes, graças a quem todas as nações da terra recebem Aquele que é a própria bênção de Deus: Jesus, «fruto bendito do vosso ventre».

⁶¹ Cf. *Rm* 8, 32.

⁶² Cf. *Rm* 4, 16-21.

⁶³ Cf. *Lc* 1, 48.

⁶⁴ Cf. *Sf* 3, 17.

⁶⁵ Cf. *Lc* 1, 48.